

VENHA
até LOULÉ
ASSISTIR ÀS
BATALHAS
DE FLORES!

ANO VII — N.º 174

FEVEREIRO

1

1 9 5 9

AVENÇA

A Voz do

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ



A Imprensa Regional

Depois da I reunião da Imprensa Regional do Sul, a que vai seguir-se a da Imprensa Regional do Norte, fica bem demonstrado o que valem os portavozes dos interesses materiais e morais das várias regiões do País.

As atenções e o carinho de que foram alvo os directores dos jornais provincianos por parte do Secretariado Nacional da Informação, a honra que lhes dispensaram, recebendo-os, o Senhor Ministro da Presidência e o Chefe do Estado, já seriam um índice.

O espírito que norteou as intervenções dos participantes desse verdadeiro congresso, animados unicamente por conseguir que os seus jornais fossem cada vez melhor meio de desenvolvimento material e cultural das suas regiões, como que estreitou mais os laços da «pequena imprensa», dando-lhe a força da união.

As conclusões do congresso brotaram como aspirações unânimes, unanimemente aprovadas, demonstrando que todos sabiam o que queriam e que queriam o mesmo e, tendo noção exacta das realidades e das proporções, pediram o razoável ou melhor, o bastante necessário, o *quantum satis*.

Para os regionalistas, as palavras de Sua Ex.ª o Ministro da Presidência, reconhecendo que o País não é só Lisboa, constitui-

Notas sobre a I reunião

ram a consoladora vitória daquilo por que se batem e, não poucas vezes, são os jornais de província quem faz recordar, a quem governa, essa incontestável verdade.

Ao apoiar as pretensões legítimas decorrentes das conclusões do congresso, prometendo satisfazer aquelas que do Secretariado dependem e levar ao Governo as que transcendem a sua competência, o sr. Dr. Moreira Baptista, ilustre Secretário Nacional da Informação, serve simultaneamente o seu departamento e a Imprensa Regional e, porque ambos visam os interesses do País, serve com clara inteligência o interesse nacional.

A forma elevada e isenta como o Secretariado colaborou (melhor diríamos assistiu) nos trabalhos, sem intervencionismos nem pretensões tutelares, foram a melhor garantia do incontestável êxito da reunião e demonstra que a iniciativa de a promo-

ver presidiu o desejo sincero de melhorar as condições técnicas da imprensa regional.

Reconhecendo-se, como se reconheceu, que os jornais de província são, simultaneamente,

(Continuação na 4.ª página)

Os nossos amigos espanhóis veem ao CARNAVAL DE LOULÉ

Aproveitando as facilidades de fronteiras concedidas para os dias de Carnaval, a Comissão está desenvolvendo larga propaganda das nossas festas, no sul de Espanha, sabendo-se já que virão numerosos grupos de espanhóis assistir às nossas Festas.

Chaminés e Amendoeiras

Além do corredinho, das belas praias, das paisagens inesquecíveis, é também o Algarve, terra das chaminés. E quanto de encanto e arte elas emprestam ao ambiente, enquadram-se admiravelmente no mesmo, ou melhor, será dizer ele muito perderia sem elas.

Quem uma vez se perder por esses caminhos de sonho da colorida província algarvia, encontrará aqui e ali uma nota típica e de acentuado cunho regionalista — é uma chaminé: alta, esguia, de esplêndido traço, de recortes verdadeiramente artísticos, de muitos e variados formatos ou baixa, menos elegante corbeira, um catavento no cimo mais ou menos trabalhada é sempre uma chaminé algarvia. Branca como a neve, sobranceira, erguendo-se acima do conjunto, no telhado da casa com porta e janela, ela logo sobressai dentro os verdes das alfarrobeiras e figueiras. Elas traduzem algo do

(Continuação na 2.ª página)



Uma chaminé típica algarvia e rapariga do campo com o seu traje regional

TODOS

os bilhetes de entrada no recinto das Festas do Carnaval são numerados e habilitam a valiosos prémios.

Absolutamente grátis.

PRAIA DE QUARTEIRA

Seja-nos permitido agradecer ao Ex.º Sr. R. P. as amáveis referências que dirige à maneira como diligenciamos tratar os assuntos, quando ambos temos lutado pelos melhoramentos da nossa localidade ou do concelho. Não é, evidentemente, nosso propósito transformar esta polémica em escola de elogio mútuo, que nos ficaria mal e seria inteiramente descabida.

Não é essa, por certo, a sua vontade, nem a nossa, antes o desejo de tratar os problemas com objectividade e justiça, expondo os nossos pontos de vista com realismo e sinceridade, com vontade firme, entusiástica e construtiva de alguma coisa conseguir, e de sacudir a apatia modorrenta e inexplicável que se verifica acerca do progresso desta magnífica, esplêndida e encantadora praia.

Assim, passemos ao que importa.

Sentimo-nos algo embaraçados em expor hoje a nossa manei-

ULTIMAM-SE os preparativos da grande 'BATALHA'

Sob a hábil e dinâmica direcção técnica do já conhecido artista-decorador alentejano sr. Manuel Lopes, prosseguem activamente os trabalhos de acabamento de numerosos carros que farão parte do cortejo das nossas Batalhas de Flores de 1959, muitos dos quais irão causar sensação pelo ineditismo de alguns e pela ideia de outros que representam reconstituições históricas de aureas épocas.

Apesar das dificuldades encontradas na facultação de armazéns, tudo foi resolvido de forma a que esse contratempo não impedisse o construído de um único carro alegórico, conseguindo-se assim um número muito elevado e de belo efeito decorativo.

Apesar de tudo, o Carnaval de Loulé tem o condão de congregar boas vontades num esforço comum para um objectivo comum: auxiliar o Hospital de Loulé.

Assim, temos a satisfação de verificar este ano a valiosa adesão dos sítios de Arieiro e Goncinha, que pela primeira vez se fazem representar e ainda um carro dos estudantes do Liceu de Faro, que também pela primeira vez trazem um carro alegórico.

As ideias concebidas

para os carros do cortejo carnavalesco de LOULÉ de 1959, primam pelo bom gosto de concepção.

Ligações à Estação dos Caminhos de Ferro

Prosseguindo no nosso intento, vamos apontar algumas soluções que se nos afiguram viáveis para resolver este magno problema de interesse capital para a vila e concelho. Temos conhecimento de algumas soluções encontradas, por esse país fora, que certamente dariam resultado também entre nós. Não podemos desanimar. A vila carece desse elemento de progresso e tudo o que se fizer em tal sentido, será meritório e digno de aplauso.

O que aqui temos escrito, teve agradável reflexo nas forças vivas e na população desta vila que faz do trabalho diário o seu modo de vida e profissão ordeira, morigerada e digna.

Esta terra não pode nem deve relegar-se à situação dos que não querem reagir e lutar. Não está isso nos hábitos e costumes do nosso povo que luta, teima e per-

(Continuação na 2.ª página)



Vem aí o CARNAVAL!

Vem aí o Carnaval! — e o eco propaga-se e contagia, inibindo tudo e todos, mormente os que sonham com o Carnaval Louletano — Manifestação artística e espectacular, quicada dos mais belos cartazes dos folguedos portugueses e que levou o nome de Loulé até ao mais recôndito recanto da terra portuguesa!

O certo é que, durante mais de meio século, graças aos esforços e canseiras das comissões executivas o Carnaval tem sido não só o melhor cartaz turístico da vila louletana, mas também uma expressão de arte popular mormente decorativa.

A alegria e o entusiasmo aliam-se; a cor e o movimento misturam-se; o optimismo e a vivacidade confundem-se numa imagem indiscreta.



Vai haver FESTA RIJA NA TERRA!!!

a festa não desmereça da dos anos anteriores e é assim que se compreende o brio e o bairrismo louletano.

E tem sido à custa destas Festas que Loulé conseguiu ter o magnífico edifício hospitalar que hoje possui e que é, sem dúvida, o melhor apetrechado do Algarve neste momento.

Saudemos e encorajemos o Carnaval de Loulé, como festa de tradição e como elemento de valorização do seu valor assistencial.

A Imprensa e o nosso Carnaval

Tem sido muito apreciada em Loulé a propaganda do nosso Carnaval largamente desenvolvida por todos os jornais do Algarve e alguns de Lisboa e Alentejo, que assim colaboram, numa maneira muito simpática, no êxito das nossas Festas.

O Carnaval de Loulé e a Televisão

Causou natural regozijo na nossa terra as amáveis referências feitas ao Carnaval de Loulé pelo ilustre director do nosso estimado colega «Correio do Sul» sr. Dr. Mário Lyster Franco, quando da recente visita à Televisão Portuguesa dos representantes da Imprensa Regional.

«Loulé... em retrato»

Um dia de chuva

Uma fotografia flagrante de Loulé, será a da nossa vila, inundada pela avalanche de água caída na manhã de quinta-feira.

Já, há anos, havíamos assistido a um acontecimento semelhante quando a secção do canal em que a cobertura do ribeiro, transformou o antigo ribeiro do Cadoço que atravessava esta vila, não comportando o volume de água caída na sua bacia, extravasou, correndo pela Avenida e provocando o afogamento de uma muar e de um suíno.

Posteriormente, realizaram-se novas obras, tendentes a cortar

Se vier a Loulé participar nas Batalhas de Flores

Auxilia uma benemérita obra de assistência e habilita-se a numerosos brindes que a simples compra de um bilhete de entrada no recinto das festas lhe dará direito.

(Continuação na 3.ª página)

Se quer divertir-se pelo CARNAVAL



venha
até
LOULÉ

Quando comprar

O bilhete de entrada no recinto das festas do Carnaval conserve-o e repare no verso, pois pode ter em seu poder uma interessante surpresa.

Danças Típicas ALGARVIOS

NO
CARNAVAL
DE
LOULÉ



As danças e a música típica de cada região são sempre motivos de grande interesse para o forasteiro ávido de novos motivos de beleza e recreação.

Quem vem ao Algarve pelo Carnaval tem uma excelente oportunidade de conhecer alguma coisa da sua beleza folclórica, através de exhibições realizadas nas Batalhas de Flores de Loulé.

São estudantinas, cegadas, dançares e nos próprios carros alegóricos há sempre algo da nossa música e de comunicativa alegria.

De entre todas essas manifestações folclóricas, o afamado Rancho da nossa ridente freguesia de Alte tem marcado sempre lugar de merecido destaque quer exibindo-se no próprio recinto das festas, quer tornando conhecidas, fóra do Algarve, e até no estrangeiro, a beleza e a graça dos seus bailados e cantares.

Pelo muito que tem contribuído para elevar o bom nome da sua aldeia e até de Loulé, através da fama de que se tem visto aureolado, o Rancho Folclórico de Alte bem merece que as

O Rancho Folclórico de Alte num dos seus típicos bailados

autoridades a quem compete fomentar o turismo no nosso concelho, ou até mesmo o S. N. I., o ajudem a resolver as dificuldades com que luta para manter uma actividade que é útil e necessária ao próprio País.

E este ano, novamente o Rancho Folclórico de Alte animará as Batalhas de Flores de Loulé com a graça dos seus bailados e típicas músicas.

Monsenhor

Freitas Barros

Constitui uma sentida manifestação de pesar o funeral deste ilustre e piedoso sacerdote, que se realizou no passado dia 29, após missa de corpo presente celebrada na Igreja Matriz desta vila.

Apesar de ter saído de Loulé há muitos anos, o seu funeral foi muito concorrido e nele se incorporaram pessoas de todas as categorias sociais.

«Loulé... em retrato»

(Continuação da 1.ª página)

tações, de invasão de casas e deterioração de mobiliários e deterioração de géneros alimentícios, roupas e outros objectos domésticos.

Ao mesmo tempo e em outras localidades do Algarve, nomeadamente em Messines, Silves e Faro, sucediam-se igualmente cenas pavorosas de inundações e alagamentos.

Em Messines, o caso assumiu aspectos assustadores, subindo a água dentro de algumas casas, até 1,20 m., produzindo estragos consideráveis e danificando igualmente os carros em preparação para a Batalha de Flores.

Em Silves, o toque repetido e acentuado da sirene dos bombeiros, as correrias para esvaziarem as casas alagadas, o recelo de que a descarga da barragem que ultrapassou o nível da barreira e alagou os campos marginais, coincidissem com a preamar do rio, o que seria aterrador, provocou o pânico. Sairam de casa, todas as pessoas, sucediam-se os percalços, muitas residências ficaram bloqueadas, enfim, um dia de pavor e de tragédia que sem assinalar a perda de vidas, causou reboliço, e prejuízos que, no

seu conjunto atinjam milhares de contos.

Que fatalidade está a pesar agora, sobre tantas regiões que sofreu inelutavelmente e intempéries devastadoras ao mesmo tempo que a incompreensão dos homens, procura cavar mais fundas dissensões e antagonismos, como se para mal da humanidade não bastasse já o destrambelhamento dos fenómenos da Natureza.

Reporter X

PAGANDO

a entrada no recinto das Festas do Carnaval ajuda o Hospital de Loulé e pode ser contemplado com um objecto de grande utilidade e valor. Guarde o seu bilhete e repare no verso: pode encontrar uma curiosa surpresa.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 174 — 1 - 2 - 1959

Tribunal Judicial Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juízo de Direito desta comarca correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu António Mendes Venâncio, solteiro, trabalhador, ausente em parte incerta e cujo último domicílio foi no sítio de Cabeça de Câmara freguesia de São Sebastião desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos contestar querendo, a acção de divisão de coisa comum que contra o citando e Emília Pires e marido, Manuel Mendes e Antónia Pires Mendes e marido, Joaquim Dias, move António Martins Caldeirinha e mulher Maria Antónia Pires, proprietários, residentes no sítio das Pereiras freguesia de S. Clemente desta comarca, sob pena de se proceder à sua adjudicação ou à venda dos prédios abaixo mencionados, seguindo-se os demais termos dos artigos 1059 e 1060 do Código Processo Civil.

PRÉDIOS

Um bocado de terra de semear, com árvores, no mesmo sítio de Cabeça de Câmara, que confronta do nascente com Francisco dos Santos Melaço, do norte com José Mendes, do poente com caminho e do sul com Maria Bárbara, alodial, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número 1953.º e não se encontra descrito na respectiva Conservatória do Registo Predial. Uma courela de semear com árvores no sítio do Poço da Amoreira, freguesia de S. Clemente desta comarca, que confronta do norte e nascente com Augusto de Sousa Aleixo do sul com caminho e do poente com José Mendes, alodial, inscrita na respectiva matriz predial sob o artigo número 211.º e não se encontra descrita na Conservatória do Registo Predial.

Loulé, 15 de Janeiro de 1959

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente

Propriedade

Por motivo de ausência do proprietário, vende-se na Teixeira (Monte de Brito-Alte) com terra de semear, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras.

Tratar em Alte com José Cavaco Vieira e em Loulé com Amadeu Pedro da Cruz.

Ligações à Estação dos Caminhos de Ferro

(Continuação da 1.ª página)

siste em querer uma vida digna e honrada. Labuta diariamente, não se poupa a esforços nem a sacrifícios para que o seu nível de vida se mantenha a uma altura conveniente e, possa até melhorar. Por isso tem necessidade de remover obstáculos, e é esse o seu lema.

Para muitas pessoas o bairrismo louletano é motivo de admiração e de sincero elogio, reconhecendo que este povo trabalha, luta, cria, desenvolve-se e progride sempre que as circunstâncias lho permitem.

Ora, é incontestável que os caminhos de ferro, onde estão investidos enormes capitais do Estado e particulares, em que trabalham e dos quais vivem milhares e milhares de portugueses, precisam de ser considerados para bem desempenharem a sua importante e imprescindível missão em benefício dos povos.

Outras empresas de transportes constituídas no nosso país, apresentam também quantiosos investimentos de capital e são o sustentáculo de numerosas famílias. Absolutamente incontestável.

Se são duas forças e duas riquezas do património da Nação que têm a sua esfera de acção própria e definida, que se ajudem igualmente, que sejam postas a trabalhar a benefício do público em colaboração e não em concorrência desenfreada e ruinosa. Esta é que é a boa doutrina e a que deverá ser inteiramente seguida e acatada.

Os esforços devem ser conjugados a um bem único, a comodidade e facilidade dos transportes, a uma colaboração e cooperação tendente a atingir esse objectivo.

As carreiras rodoviárias devem especialmente conduzir os passageiros e as mercadorias aos caminhos de ferro e trazer-los aos pontos onde necessitam, ou onde são necessárias as matérias primas ou manufacturadas.

Luta surda ou declarada a nada de útil conduz e o bem público fica prejudicado.

As empresas rodoviárias deveriam ser associadas aos Caminhos de Ferro, com os interesses ligados e comuns. Cremos que isso acontece nalguns países, e o sistema até tem sido seguido pelas empresas de navegação que se constituem em proprietárias de algumas carreiras aéreas que se dirigem aos mesmos destinos. Quere dizer, os interesses são os mesmos e não há, por isso, necessidade de concorrência na obtenção de passageiros. E tanto uns meios de transporte, como outros, têm sempre afluência assegurada e, às vezes, superior à sua capacidade de lotação, como diariamente se verifica nas várias carreiras que dos nossos portos partem para os outros de diversos destinos.

Este o verdadeiro caminho. Por razões de ordem vária, não se estruturaram as coisas em Portugal de igual maneira, quanto aos transportes rodoviários.

Porém, tudo se poderá congragar, na maneira do possível.

É estabelecer uma conjugação de esforços, com interesses mútuos.

Porque se não há-de estatuir que as carreiras rodoviárias sejam convergentes aos caminhos de ferro?

Que prejuízo haverá nisso? Em alguns pontos do país várias câmaras municipais têm estabelecido carreiras dentro dos

Clube dos Amadores de Pesca de Faro

Corpos Gerentes para 1959

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, António da Silva Guerreiro; Vice-presidente, Eng.º João Maria V. A. Pacheco; 1.º secretário, Armando Augusto Lopes; 2.º secretário, José G. de Sousa Oliveira; Vogais, Aníbal de Sousa Guerreiro e José Olímpio.

DIRECÇÃO

Presidente, Dr. José Gregório da Silva; Secretário, Vitor Manuel da Cunha; Tesoureiro, Carlos L. Madeira Gomes; 1.º Vogal, João Cardoso; 2.º Vogal, Jorge Vale do Carmo; Suplentes, Júlio Calçada E. Correia e Belmiro Afonso Soares.

CONSELHO FISCAL

Presidente, Rogério Pires Costa; Vogais, José Elói Cachola e João Clara Barreto; Suplentes, Manuel Adanjo Inácio e Manuel Alexandre Ramos.

Delegado à Federação das Sociedades de Recreio:

Celestino C. Guerreiro Rebelo

E Delegado deste «Clube» em Loulé o sr. José João da Conceição Leandro.

seus concelhos, com administração directa, atendendo aos interesses dos seus habitantes e das pessoas que desejam estabelecer intercâmbio com essa localidade.

Outras têm concedido essas carreiras a várias empresas particulares.

A nossa Câmara poderia estudar o problema e conceder a exploração dessa rede de transportes a uma ou mais empresas que a quisessem tomar.

Assim, sem prejuízo das carreiras existentes, poder-se-iam criar novos percursos com o objectivo de facilitar ao concelho ligações fáceis, económicas e rápidas com todos os pontos do país, tanto de passageiros como de mercadorias.

Não se diga que já existem carreiras suficientes e cómodas. Todos os que viajam e mourem, que frequentam mercados e feiras, ou carecem de se deslocar de Loulé a qualquer ponto do país, ou vice-versa, sabem que assim não é. Têm que arranjar derivantes, porque Loulé qual ilha isolada neste oceano de incompreensão e indiferença, não tem meios directos de comunicação, desde que utilize os caminhos de ferro.

Haverá razão deste isolamento? Evidentemente que não.

E com o maior desinteresse e atendendo apenas ao que supomos serem as legítimas e justas conveniências da vila e seu concelho que lutamos. Não nos move qualquer longinquidade ou próxima má vontade contra quaisquer também legítimos interesses.

Deste modo estamos perfeitamente aptos e qualificados para solicitar dos poderes públicos a atenção às necessidades prementes da nossa terra, que clama baldadamente pela satisfação das suas justíssimas aspirações, pelo reconhecimento e satisfação do seu incontestável direito de ter ligações fáceis, rápidas e cómodas com todos os meios de transporte hoje existentes, de molde a utilizar aqueles que no momento mais lhe convenham ou satisfaçam às suas solicitações de expansão e progresso.

A vila e o seu concelho têm justificado direito a esses melhoramentos. Porque se olvidam estas verdades?

Com persistência e fé tudo de bom e útil se consegue. Continuaremos.

Um Louletano

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Chaminés e Amendoeiras

(Continuação da 1.ª página)

espírito algarvio, tão sonhador como artista, que põe muito da sua imaginação e arte na sua concepção. Mas as chaminés ganham ainda mais beleza e perspectiva, quando à sua brancura se vem juntar essoutra das amendoeiras. As amendoeiras em flor! Soa-nos não só como forte atractivo turístico, mas ainda como motivo de inspiração artística. Embora as vejamos todos os anos, surgem-nos sempre novas em cada ano que se vestem com esse manto duma alvura incomparável que sempre nos atrai o olhar e nos prende o espírito, enlevado na sua maravilhosa irrealdade, que mais parece visão de sonho, do que quadro que a própria Natureza nos oferece. Quer seja uma pequena, muito jovem ainda em seus tons róseos, quer sejam algumas em que já se nota a marca do tempo, cobertas de cachos de brancura imaculada; umas subindo, outras descendo as colinas; algumas orlando campos verdes; outras ainda junto à beirada dos caminhos, juncando-os com suas pétalas e deixando no ar seu suave perfume, de qualquer modo emprestam a beleza da sua alma aos nossos campos, que agora são belos campos em flor. A Natureza está em festa. E que melhor festa haverá do que esta que a própria Natureza nos oferece!?

Aproveitamos a sua quadra para as contemplarmos, porque logo desaparecerão as suas flores como tudo que é belo e efêmero.

E que mais não necessitaria o Algarve, para ser uma região de turismo, do que ser a terra das artísticas chaminés e das inolvidáveis amendoeiras.

Uma Serrana

Propriedade

Arrenda-se, no sítio da Franqueada.

Tratar com Dr. Santiago Pontes — Quarteira.

Uma excursão à Serra do Algarve

Pelo DR. MANUEL VIEGAS GUERREIRO

(CONTINUAÇÃO)

III

Neste lugar da Cabeça ofereceu-me a sombra das suas telhas o rico lavrador Manuel Guerreiro Mariano. Custa um pouco penetrar na intimidade desta gente isolada, mas algum jeito, origem aldeã, perentela e conhecimentos vencem as primeiras resistências. E vem o natural fluir de um convívio aberto. Falámos de coisas antigas, de ditos e versos e o lavrador recitou uma quadra de sua autoria deitada à sobreira. Fe-la em moço e tem dificuldade em evocá-la. Imperfeita na forma vale pelo seu conteúdo.

Viva a casca da sobreira,
Que é uma árvore de estimação;
Não tem consumo na nossa terra,
Tem de sair p'ra outra nação.

Viva a casca da sobreira
Que é uma árvore mal estimada;
O dono só lhe chega ao pé
Quando tem preciso de ser tirada.
Tiram-lhe os frutos à pancada
E estimam-na de qualquer maneira.
Não olham bem p'ra carteira,
Sendo uma árvore distinta
Até do sumo se lhe faz tinta
E viva a casca da sobreira.

Para fora é exportada
Desta cortiça mais fina,
Loze, parece platina,
Adepois de fabricada.
«Eu ainda nunca fui cultivada
E a minha assombra não dá pão,
Tanto serve semear como não,
Olhem que a verdade é esta».
Ainda que dê, nunca presta
Mas é uma árvore de estimação.

Dali sai a boa prancha
E dali sai a boa folha
E dali se faz a boa rolha
E tudo isso vai à balança.
«E o meu dono por mim descansa
Por eu ser cá da serra
E quem não conta é quem não erra
E o meu dono estima-me mal
E sendo uma árvore principal
Não tem consumo na nossa terra.

Cá os nossos portugueses
Nem m'eles sabem olhar,
Malamente me vão tirar
P'ra benefício dos ingleses;
Americanos e franceses
Esses é que me dão estimação,
Forro-lhe casas frescas no Verão
P'ra muita gente viver
E olhe que é pena não ter
Consumo na nossa nação.

O meu guia não lhe quer ficar atrás e salta com outra do famoso Varejota Silva, da aldeia de Tor e freguesia de Querença, falecido há uns 50 anos. É dedicada à terra:

E eu na terra fui criado,
Eu na terra fui nascido
A terra me há-de comer
Depois de ser sepultado.

A terra é a minha mãe,
Não no nosso duvidar,
E para esta me criar
Tudo da terra me vem,

(Continua no próximo número)

A Matriz de Loulé

(Continuação da 4.ª página)

pelo Arcebispo de Braga na mesma época em que o mesmo mancou construir a Igreja de Santa Maria de Faro, hoje Sé Catedral do Algarve.

Passemos à parte arquitectónica:

Tendo sido Loulé tomada aos Mouros cerca de 1249 ou 1250, temos de pôr de parte o terceiro período do estilo românico, que compreende o século XI e princípios do século XII.

O estilo ogival compreende parte dos séculos XII a XV e princípios do século XVI, segundo os autores. Divide-se em três períodos: o primário, o secundário e o terciário.

O primário é de transição do românico e chamado de lances, porque as suas ogivas têm a forma de lancetas; compreende parte do século XII e o século XIII o secundário ou radiante, que é o verdadeiro tipo do estilo ogival, compreende todo o século XIV e o terciário ou flamejante, com a exagerada abundância de ornatos abrange o século XV e parte do século XVI.

Colocando-nos neste ponto de vista, vejamos as características do primeiro período ogival, comparando-as com a arquitectura da Igreja Matriz:

A planta é de cruz latina. As colunas assentam sobre basamentos emoldurados à semelhança da base ática.

As colunas são cilíndricas. Os capitéis têm folhagens diversas e são geralmente terminados por folhas enroladas ou flores entreabertas.

Os arcos são em forma de lanceta ou lancetados.

Os pórticos são ogivais, montados sobre colunas, compostos de várias arquivoltas lisas ou adornadas.

Também parte desta arquitectura é rosácea ou rosa na fachada.

As janelas são geminadas, simples no período e mais complicadas nos seguintes.

A flora empregada no primeiro período é a indígena: a folha do alpo, do cardo da vide, da figueira, da roseira brava, etc.

Todas as características do período apresentam esta Igreja Matriz, quer no período, na fachada como óculo, as naves, os arcos, as frestas, colunas, capitéis, capelas mais antigas, quer na janela geminada por cima da capela-mór.

Tudo indica a época da transição do primeiro período ogival, embora sem riquezas arquitectónicas, visto estarmos nessa época num período de reconquista e repovoamento.

Portanto, quer historicamente, quer sob o ponto de vista arquitectónico, temos de concluir que a Igreja Matriz de Loulé, nos seus traços primitivos e característicos que ainda hoje se podem observar, pertence ao primeiro período do ogival do século XIII.

Cf. João Barreira, Arte Portuguesa, Cónego Manuel de Aguiar Barreiros, Elementos de Arqueologia e Belas Artes: Atalaia de Oliveira, Monografia do Concelho de Loulé.

J. C. Cabanita



Os bailes promovidos pela Comissão de Festas nos 3 dias de Carnaval serão mais um êxito a acrescentar aos antecedentes.

PRAIA DE QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

ta, sem esperar que tudo nos caia do céu, isento de esforços e sacrificios.

Os esforços e canseiras têm de ser conjuntos, repetitivos, e devidamente orientados.

Entremos propriamente no âmago da questão.

Vamos dizer uma enormidade que vai causar arrepios e movimentos de pasmo e estupefacção. Que nos perdoiem os discordantes. Preferimos dizer o que pensamos, ainda que mal, a calar o que sentimos e ladear os problemas em vez de os enfrentar. Não concordamos com os planos de urbanização tal como têm sido delineados e que consideramos em empate, um estorvo ao verdadeiro progresso das localidades. São uma camisa de forças que se pretende vestir violentamente aos aglomerados populacionais estuantes de vida e de energia.

Ainda bem que, se as nossas informações são exactas, Faro, Armção de Pera e outras localidades, os puseram de parte, não estariam tempos infelizes à espera de D. Sebastião, neste caso o plano aprovado, como os nossos avós aguardando a vinda daquele monarca.

Os planos de urbanização não devem ser, em nosso modesto sentir, pleróricos de minudências, fantasias e impecilhos. Quando muito deveriam traçar, apenas, linhas gerais e sóbrias, obedecendo a uma disposição mais ou menos geométrica e adaptadas às condições orográficas das localidades, e o resto seria com o gosto e concepção artística dos arquitectos e as de-

terminações das autoridades administrativas, que representam os interesses e as conveniências das localidades. Fugir a isto é complicar as questões. Sabe-se que estas disposições planares não são nem podem ser imutáveis, pois que a vida nas suas múltiplas e complexas manifestações não se compadece com a imutabilidade de tais planos que hoje parecem muito certos e perfectos e amanhã se reconhecem ultrapassados.

Destinar determinadas parcelas de terreno a organizações fabris, comerciais, residenciais ou outras, quando o progresso e desenvolvimento local amanhã aconselham perfeitamente o contrário, como se tem visto em bastantes localidades, é, simplesmente um contra-senso, porque não há que travar a marcha e evolução da vida nos seus múltiplos e reais aspectos.

Colocar aqui um hospital, acolá uma fábrica, mais ali um café, mais acolá uma escola, além uma igreja, aqui um jardim, é muito bonito em fantasia, mas está em contradição com as realidades mais ou menos prementes da vida, das possibilidades económicas ou das circunstâncias imprevisíveis do futuro.

Então, os planos devem deixar de ser passatempos fantasiosos dos arquitectos e sim planificações sóbrias, modestas e previdentes nos alinhamentos a estabelecer. O resto será com as entidades administrativas, os arquitectos e urbanistas que nos não-de dar belos edifícios, maiores ou mais pequenos, mais luxuosos ou modestos, melhor ou pior colocados, consoante as possibilidades de cada qual que pretenda construir.

Os alinhamentos é que devem ser de estruturar. O excedente é com o gosto, a vontade e as posses de cada um. Temos visto muitos palácios ficarem em ruínas e muitas casas modestas transformarem-se em palácios. O que é essencial é um bem estruturado plano de alinhamentos e boa orientação administrativa e urbanística. Descer a minudências é complicar as questões.

Já vai longo este artigo, que quase nada diz, e deixaremos para outra ocasião falar da série de melhoramentos de que Quarteira tem falta e bem merece.

Antes de terminar, porém, queremos dizer uma palavra de incentivo a Ceza Luz, pedindo-lhe que continue a dedicar a sua inteligência e espírito de observação ao problema da nossa praia, que sabemos ser sua vontade, como a nossa, de que venha a ocupar o lugar que justamente lhe pertence no conjunto das praias do nosso país. O estilo é o homem, e não se modifica facilmente; no entanto a objectividade é sempre o melhor caminho para se atingir o que pretendemos.

Solimão Fagundes

— 00 — 00 — 00 — 00 — 00 — 00 —



Agradecimento

A família de Francisco de Sousa Domingos, desconhecendo a residência de todas as pessoas que tão dignamente acompanharam seu saudoso parente, à sua última morada, vem por este meio manifestar-lhes o seu maior reconhecimento, tornando-o extensivo a todos aqueles que, de qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

**DIVIRTA-SE
no CARNAVAL
DE LOULÉ**



Missa do 30.º dia

EDMUNDO DA SILVA

A Família de Edmundo da Silva (ex-músico da Filarmónica Artistas de Minerva), participa às pessoas das suas relações e amizade, que será rezada missa pelo seu eterno descanso, no dia 22 de Fevereiro, pelas 8 horas, na Igreja da Misericórdia, desta vila, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignaram assistir a este piedoso acto.

Ecos de Alte

Durante a quadra de Natal foram distribuídos pelos pobres desta povoação, donativos enviados pelo ilustre e generoso filho de Alte, sr. Dr. Manuel Sequeira de Figueiredo, funcionário superior do Banco do Estado de São Paulo, Brasil.

Também o muito considerado e importante comerciante de São Paulo e bom filho de Alte, sr. Alvaro Sequeira de Figueiredo, enviou donativos para os pobres desta localidade, que foram distribuídos na mesma quadra festiva.

Bem hajam.

— Realizou-se no dia 21 de Dezembro, último, a eleição dos novos corpos gerentes da Casa do Povo de Alte. Para a Direcção foram eleitos os srs. Plácido de Sousa Vieira, Analide Martins Lourenço e Francisco Rodrigues Madeira. Para a Mesa da Assembleia Geral: os srs. José Cavaco Vieira, Luís da Palma Madeira e José Pedro dos Santos Mestre.

— De Dezembro, último, até à data, faleceram as seguintes pessoas desta freguesia: António Raminhos, de Monte Brito; Manuel Martins, de Macheira; José Francisco Reis, de Alto Fica; Isabel Guerreiro, de Fonte de Arez; Maria Isabel, de Rocha dos Soidos; Francisco da Encarnação, de Soidos; Maria Antónia, de Cascabulho; Rosa de Sousa, de Nave das Sobrelas; Domingos Inácio, de Corte Grande; Isabel Balbina, do Serro; Inácio do Carmo Sequeira e Mariana das Dores, de Alte.

— Como nos anos anteriores, a época de Carnaval em Alte vai ser muito animada. A comissão constituída para a realização das festas está já em actividade para que as mesmas resultem brilhantes.

Alte, 19 de Janeiro de 1959

J. Vieira

A NOSSA ESTANTE

«UM ARTISTA ALGARVIO — O PADRE GLÓRIA»

Da autoria do nosso querido amigo sr. Dr. José António Pinheiro e Rosa, que, com esta obra, nos proporciona o oitavo volume de uma antologia de estudos algarvios do mais valioso quilate literário e do mais requintado primor de apreciação e comentário, recebemos o opúsculo agora publicado que encerra a biografia inédita do Padre Glória, o Padre Artista, que viveu de 1842 a 1916.

António José Nunes da Glória, que exerceu o seu apostolado como prior de Bensafim durante vários anos revelou-se pela sua excepcional actividade artística, no campo da escultura, da arquitectura mas sobretudo na pintura, um notável criador de arte, acima da vulgaridade. Decorou várias Capelas e Igrejas do Algarve, pintou retratos que mereceram especial apreço e na sua notável intuição artística, legou à riqueza escultórica de alguns templos do Algarve, peças de apreciada beleza.

O autor coligiu todos os elementos sobre a vida do notável exemplo de sacerdote, que reuniu nesta interessante e aliciante biografia e depois de a ter desvendado em conferência na Casa do Algarve em Janeiro de 1956, deu agora à estampa com o apoio da Junta de Província do Algarve, Câmara Municipal de Portimão e Comissão Municipal de Turismo de Lagos.

RETTA OU OS CIUMES DA MORTE

Das Iniciativas Editoriais, recebemos um caderno com a novela de Ilse Losa, sob o título acima.

Esta distinta escritora cujo nome subscreve diversas obras literárias e poéticas que vão do romance à poesia e ao romance infantil, dá-nos em «Retta ou os ciúmes da morte», uma novela sentimental que prende desde os primeiros momentos, na descrição feita, de colorido e bom diálogo, de Alves de Campos à figura atraente de França.

Lê-se e gosta-se do tipo de literatura de Ilse Losa e daí talvez o motivo justificativo da escolha de Iniciativas Editoriais ao dar à estampa mais esta obra.

José Francisco Costa & Companhia Limitada

Faz-se público que por escritura de 29/12/1958, lavrada nas notas do notário de Faro, abaixo assinado, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, entre José Francisco Costa, Manuel Costa Farrajota, José do Nascimento Costa, Manuel do Nascimento Costa, José de Mendonça Caleiras, Maria José do Nascimento Costa, Maria Júlia do Nascimento Costa e Jerónimo de Sousa, que será regida pelo estatuto seguinte:

artigo 1.º

Adopta esta sociedade para todos os seus actos e contratos a firma «JOSE FRANCISCO COSTA & COMPANHIA LIMITADA», e tem a sua sede na vila de Loulé.

artigo 2.º

O seu objecto é o comércio de vinhos e seu derivados, por atacado e a retalho ou artigos que se relacionem com este ramo de actividade comercial.

§ único

Por deliberação da gerência a sociedade poderá ainda exercer qualquer outro ramo de comércio, cujo exercício seja livre, ou tenha sido autorizado.

artigo 3.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde o dia um de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove.

artigo 4.º

O capital social, integralmente realizado, é de quinhentos mil-escudos, e corresponde à soma das seguintes cotas:

cento e vinte cinco mil escudos de José Francisco Costa, setenta e cinco mil escudos de Manuel Costa Farrajota, cinquenta mil escudos de José do Nascimento Costa, cinquenta mil escudos de Manuel do Nascimento Costa, cinquenta mil escudos de Maria José do Nascimento Costa, cinquenta mil escudos de Maria Júlia do Nascimento Costa, cinquenta mil escudos de Jerónimo de Sousa.

artigo 5.º

A gerência e administração dos negócios da sociedade, fica com dispensa de caução, a cargo de todos os sócios, com ou sem remuneração, conforme deliberação exarada em acta, mas para que a sociedade fique obrigada é necessária a assinatura de dois gerentes, sendo sempre um deles o sócio José Francisco Costa, ou quem o represente, exceptuando a correspondência e os actos de mero expediente que serão assinados por qualquer dos gerentes.

§ primeiro

Os sócios obrigam-se a não exercer individualmente, ou de cooperação com outrem, actividade idêntica à da sociedade, sob pena de perderem a cota e respectivos dividendos, a que tenham direito, exceptuando-se, José Francisco Costa, que fica autorizado a explorar o seu estabelecimento de venda de vinhos e derivados, a retalho, sito no Largo do Carmo, número nove, da vila de Loulé, e José do Nascimento Costa e Manuel do Nas-

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

é o da

MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

Transportes de Carga Louletana, L.ª

Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24 - D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

mento Costa, que ficam autorizados a explorar o negócio de vinhos, na região de Figueira da Foz, onde já têm idêntico negócio.

§ segundo

Fica proibido aos gerentes obrigarem a sociedade em letras de favor, fianças ou quaisquer actos e contratos que não estejam dentro do âmbito do objecto social, sob pena de responderem pelas perdas e danos, que de tal facto resultarem.

§ terceiro

Qualquer dos gerentes poderá delegar, com acordo dos outros sócios, no todo ou em parte, os seus poderes, sob sua responsabilidade pessoal, noutro gerente, ou em estranho à sociedade.

art.º 6.º

Os gerentes nomeados por este pacto social, não podem ser exonerados senão por causa legítima.

art.º 7.º

O balanço ordinário será fechado com referencia a trinta e um de Dezembro de cada ano, sendo os lucros divididos pelos sócios, na proporção das respectivas cotas, depois de descontada a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto este não se acnar inteiramente realizado ou quando for necessário reintegrá-lo, ou ainda para constituição de quaisquer outros fundos que a sociedade criar.

art.º 8.º

A cessão de cota, ou parte dela, a sócios ou a estranhos, não poderá fazer-se, sem prévia autorização da sociedade.

§ primeiro

Qualquer sócio que queira ceder a sua cota, ou parte dela, deverá comunicá-lo por meio de carta registada dirigida à sociedade e aos sócios.

§ segundo

A sociedade convocará, no prazo de oito dias, a assembleia geral para se pronunciar sobre a cessão, podendo adquirir a cota, ou parte dela, que se pretenda ceder.

§ terceiro

No caso da sociedade não desejar usar do direito de preferência acima referido, poderá tal direito ser exercido por qualquer dos sócios.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 174 — 1 - 2 - 1959

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 25 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho de Faro e extraída da execução em que são: Exequente — A Comissão Reguladora das Moagens de Ramas e Executado — Francisco João, proprietário, residente em Salir, que corre pela Secretaria Judicial desta comarca, há de ser posta em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado àquele executado:

Uma morada de casas terreas, com dois compartimentos, no sítio da Ponte de Salir, freguesia de Salir, inscrita sob o n.º 31.474, a folhas 76 v.º do livro B, n.º 80, da Conservatória do Registo Predial de Loulé. Vai à praça por 6 000\$00.

Loulé, 21 de Janeiro de 1959.

O Chefe da 2.ª Secção

António Nídio Assis da Veiga
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente

§ quarto

No caso de mais de um sócio desejar usar do direito de preferência, será este distribuído proporcionalmente às suas cotas.

§ quinto

O exercício do direito de preferência, terá de ser declarado, também, por carta registada dirigida ao sócio cedente, no prazo de oito dias, a contar da data em que se tenha realizado a assembleia geral acima referida.

§ sexto

O preço da venda será o valor nominal da cota, acrescido da correspondente parte no fundo de reserva legal e dos demais que tiverem sido criados e, ainda da parte que lhes caiba nos lucros que estejam por dividir.

art.º 9.º

Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade não se dissolverá, sendo os direitos do falecido ou interdito, exercidos por um só dos respectivos herdeiros ou representante, escolhido por acordo entre eles e indicado à gerência, que se pronunciará sobre a aceitação daquele.

§ único

Desde que os herdeiros do falecido ou representante do interdito, desejem abandonar a sociedade, será a sua cota adquirida por esta a pronto ou em prestações semestrais, durante o prazo de três anos, pelo valor resultante do último balanço, acrescido da importância que lhe possa caber nos lucros a dividir, fundo de reserva legal e dos demais que tiverem sido criados ou por inventário efectuado, nessa data, para o efeito.

art.º 10.º

Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, que não tenha descendentes legítimos, a sua cota é liquidada pela forma seguinte:

a) — Havendo ascendentes, a sua parte na cota é logo remida pela sociedade, sendo o pagamento efectuado pela mesma forma, como se refere o parágrafo único do artigo n.º.

b) — Não havendo ascendentes, por falecimento do conjuge é a cota remida pela sociedade, sendo o pagamento efectuado, aos respectivos herdeiros, igualmente pela forma mencionada no parágrafo único, do já citado artigo número nove.

§ único

Com o disposto neste artigo, fica esclarecido, que por falecimento de qualquer dos sócios, a cota só é transmissível a descendentes legítimos ou ao conjuge, mas por falecimento deste último, é vedado aos respectivos herdeiros, o direito de continuidade na sociedade, evitando-se, assim, a actuação de estranhos na mesma.

art.º 11.º

Por falecimento do sócio José Francisco Costa, a sua cota na sociedade será dividida pelos seus filhos, em partes iguais, que serão agregadas às cotas, que ao tempo, os mesmos tiverem na sociedade.

art.º 12.º

No caso de dissolução da sociedade, licitarão os sócios entre si os haveres da sociedade, vendendo-se em globo, ou separadamente, como entre si acordarem.

art.º 13.º

Na hipótese da cota de qualquer dos sócios ser penhorada, não pode essa ser vendida a estranhos à sociedade, e, será adquirida por esta, em juízo, e paga conforme for convencionado.

art.º 14.º

Aos sócios por si e seus sucessores, é vedado requerer a posição de selos de arrolamento nos haveres sociais, e quando o façam, aquele que o fizer, fica sujeito, a perder, em favor da sociedade, os valores que na mesma possua como sócio.

art.º 15.º

Em tudo o omissso regularão as disposições legais aplicáveis.

Faro, 19 de Janeiro de 1959

O Notário,

Luís Augusto da Silva e Sabbo

**SE DESEJA PASSAR
UM CARNAVAL ALEGRE
VENHA A LOULÉ**

Ginginha e Eduardino

das Portas de St. António

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

SALIR

Vende-se um prédio de 1.º andar na Rua da Carreira, em Salir, com quintal e árvores de fruto.

— Uma propriedade em Benafim Pequeno, com oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras.

Tratar com Sebastião Marques — Loulé.

Novidade!

João de Sousa Calado, participa ao Ex.º Público de que tem à venda na sua secção de louças de barro, no Mercado desta vila, um novo modelo de bebedouro para aves (especialmente pombos) do mais perfeito que se conhece. Tem também à venda cacifes para criação de pombos.

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Fevereiro:

Em 1, a menina Maria Dulce Duarte da Piedade Barros.

Em 2, os meninos Carlos Augusto Correia Duarte e Eduardo José Mendes Delgado Pinto, a menina Maria Irene Sequeira Vairinhos e o sr. José Francisco Guerreiro.

Em 3, a menina Rosa Maria Carapeto Corpas e o sr. José Farrajota Martins.

Em 4, a sr.ª D. Leonilde Centeno Mendonça Carrilho e o menino Francisco Serafim Campina, residente na Venezuela.

Em 5, os srs. António Manuel Madeira Guerreiro e José de Sousa Inês.

Em 6, a menina Quitéria Torroujo Martin, residente em Villanova de los Castillejos (Huelva).

Em 7, a sr.ª D. Alzira Victória de Sousa, a menina Gracinda Filipe Vinhas e o menino José Manuel Viegas Ramos.

Em 11, o menino Luís Manuel Gaspeira Ramos.

Em 12, a sr.ª D. Ilda Francisca de Sousa, residente em Alcanil.

Em 14, o sr. Mariano E. Campina, residente em Angola.

Em 17, a sr.ª D. Irene Gonçalves Rita, residente em Lisboa.

Em 18, a sr.ª D. Maria de Brito Gomes, residente no Palmeiral.

Em 19, a sr.ª D. Antonieta Garcia Gonçalves, residente em Setúbal.

Em 22, o menino José Avelar Ramos Plácido, residente em Lisboa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Embarcou há dias para Luanda, onde vai em serviço do Ministério do Exército, o nosso prezado assinante sr. Capitão de Artilharia Luís Teixeira Fernandes, que se fez acompanhar por sua mulher, a nossa conterrânea sr.ª D. Stella da Ponte Alves Teixeira Fernandes e de seus filhinhos José Manuel e Luís Miguel.

— A convite da General Electric, deslocou-se a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco da Silva Barreiros que, naquela cidade, participou numa reunião promovida por aquela poderosa organização.

CASAMENTOS

Na Igreja Paroquial de Santa Bárbara de Nexe, celebrou-se no pretérito dia 4 de Janeiro o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Odete da Costa Fernandes, professora oficial em Moura, gentil filha da sr.ª D. Maria dos Santos Costa e do sr. Francisco Guerreiro Fernandes, naturais e residentes em Loulé, com o sr. Arnaldo José Caeiro, funcionário público naquela vila alentejana, filho da sr.ª D. Francisca Rita Pascoalinho e do sr. André Caeiro Vinagre, residentes em Moura.

Apadrinharam o acto, que se revestiu de grande solenidade, pela noiva, a sr.ª D. Maria Machado Horta, de Sobral d'Adiga e o sr. Francisco António Caeiro, irmão do noivo, de Moura; e pelo noivo, seu pai e o irmão da noiva, sr. António da Costa Fernandes, desta vila.

Finda a cerimónia, noivos e convidados, após um breve passeio, regressaram a Loulé, onde, na sede do Atlético Sporting Clube, caprichosamente decorada para o efeito, lhes foi servido um fino e abundante «copo de água», durante o qual se brindou entusiasticamente pela felicidade do jovem casal.

...Brindes estes a que «A Voz de Loulé» gostosamente se associa, fazendo votos sinceros para que ao juvenil par a vida conjugal decorra numa perene lua de mel.

— Na Igreja Sagrada Coração de Maria, em Buenos Aires (Argentina), realizou-se no passado dia 10 de Janeiro, o enlace matrimonial da nossa conterrânea e estimada assinante sr.ª D. Ilda Nogueira Cavaco, com o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Rafael Cavaco, também residente naquela cidade.

Os nossos parabéns e votos de feliz vida conjugal.

— Em Fátima, na Capela das Aparições, celebrou-se, no passado dia 17, de Janeiro, o enlace matrimonial da sr.ª Dr.ª D. Olívia da Conceição Nunes Pinto, Conservadora do Registo Civil, em Ponta do Sol (Madeira), filha da sr.ª D. Inácia Gomes Nunes Pinto e do sr. João Pires Pinto, nosso prezado assinante em S. João da Venda - Alcanil, com o sr. Mário Capelo Ramos, Engenheiro-Agrônomo em serviço na Madeira, filho da sr.ª D. Maria da Ascensão Capelo Ramos e do sr. António Santos Ramos.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, sua irmã, sr.ª D. Maria Judite Nunes Pinto Gonçalves Nogueira, Assistente Social e seu cunhado sr. Dr. José Manuel Gonçalves Nogueira, médico-estagiário no Hospital da Universidade de Coimbra e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Victória Salvado Ferreira de Abreu e Castro e seu esposo sr. Dr. Aníbal

Augusto de Castro, Juiz do 2.º Juízo Correccional de Lisboa.

Presidiu à cerimónia e celebrou a Missa «pro sponso et sponsa» o Rev. Dr. Clementino de Brito Pinto, tio da noiva.

Sua Santidade o Papa João XXIII dignou-se conceder aos nubentes a Bênção Apostólica.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o norte do país, fixando depois residência no Funchal.

Os nossos parabéns e votos de feliz vida conjugal.

FALECIMENTOS

No passado dia 24 de Janeiro, faleceu em casa de sua residência nesta vila, a nossa conterrânea sr.ª D. Emília da Cruz Mendes, que deixa viúvo o sr. Manuel Mendes.

A saudosa extinta, que contava 73 anos de idade, era mãe das sr.ªs D. Manuela da Cruz Mendes Teixeira, D. Maria da Cruz Mendes e do nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco da Cruz Mendes, proprietário do Café Royal, em Silves e sogra do nosso estimado amigo e assinante sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira, solicitador encartado, nesta vila e da sr.ª D. Maria Tereza Cabrita Mendes.

— Contando 85 anos de idade, faleceu no passado dia 17 de Janeiro, em casa de sua residência, no sítio da Pedrogosa, o sr. Francisco de Sousa Domingos, que deixa viúva a sr.ª D. Joaquina da Conceição, era pai da sr.ª D. Elvira da Conceição e do sr. José de Sousa Domingos e sogro do sr. José Pedro Roque e da sr.ª D. Maria da Luz Madeira Domingos, nossa assinante em Fonte d'Apra.

— No dia 24 de Janeiro p. p., faleceu em Faro, onde há muitos anos residia, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Laurinda Henrique Serra, esposa do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Francisco Fernandes Serra, considerado comerciante naquela cidade e filha do sr. Manuel Henrique Cruz e da sr.ª D. Laurinda Henrique, residentes em Olhão.

A saudosa extinta era cunhada dos srs. José Fernando Serra e do nosso prezado amigo e assinante Manuel Fernandes Serra, conceituado comerciante da nossa praça.

Em casa de sua residência, em Cravais de Cima (Salir), faleceu no pretérito dia 25, de Janeiro o sr. Manuel Domingos, proprietário naquele sítio que deixa viúva a sr.ª D. Isabel Rodrigues.

O extinto, que contava 80 anos de idade, era pai dos srs. Manuel Anica, residente na Argentina, Ventura Domingos, residente em Salir, Joaquim Domingos, proprietário da «Casa das Noivas» nesta vila, António Rodrigues, ausente em Angola, José Domingos e da sr.ª D. Maria Rodrigues, residente em Cravais de Cima e sogro das sr.ªs D. Maria Guerreiro Domingos, D. Justina Guerreiro, D. Conceição Valério e D. Paula Rodrigues e do sr. António Martins.

As famílias enlutadas apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido pesar.

Imprensa Regional

(Continuação da 1.ª página)

quando bem orientados, o melhor meio de informação e de formação da opinião pública e instrumento seguro de diálogo entre a Nação e o Estado, entre Governo e governados, tudo quanto os ajude a desempenhar esta altíssima missão é, indiscutivelmente, serviço público.

Cumprimo-nos, pois, reiterar os nossos agradecimentos ao sr. Dr. Moreira Baptista, manifestar o nosso apreço pelas palavras de justiça e incitamento que nos dirigiu o Senhor Ministro da Presidência e exprimir o nosso respeito pelo venerando Chefe do Estado, que tão cativante recebeu os «línguas» dos povos do sul.

Aos representantes da Imprensa Diária com quem contactámos, julgamos nosso dever dirigir-lhes uma saudação amiga pelo espírito de compreensão e de verdadeira camaradagem com que, em todas as circunstâncias, nos penhoraram.

Posto isto resta-nos aguardar nos sejam concedidas as providências que pedimos e continuar, como se faz mister, a cumprir o nosso dever, na medida das nossas forças e do nosso ânimo.

O Baile da Comissão

Pelo grande interesse já registado na marcação de mesas, é fácil prever que os bailes deste ano, promovidos pela Comissão do Carnaval, alcançarão de novo a extraordinária animação que os tem caracterizado.



CONCURSO DE TRAJES INFANTIS

UM NOVO ATRACTIVO DO

Carnaval de Loulé

Contribua para o seu brilhantismo, trajando seus filhos.

Associação de Assistência À MENDICIDADE

Lemos com justificado alvoroço e não menor satisfação que o Governo vai tentar resolver o problema da mendicidade, que nos envergonha, a nós portugueses, aos olhos do Mundo.

Somos nós e os nossos vizinhos da Península os únicos países da Europa em que se permite e desenvolve a mendicidade. Isso nos dizemos pessoas viajadas e conhecedoras destes assuntos.

Por esse motivo, o nosso Governo que deseja fomentar o Turismo, fonte de receita apreciável e que tão benéficos resultados tem trazido aos países que dignamente o sabem explorar, sem subserviências vergonhosas nem explosões de vaidade, irritantes e absurdas.

Portugal, país de ordem, exuberantemente folclórico e com belezas naturais apreciáveis e algumas belezas artísticas dignas de admiração e apreço, está naturalmente em condições de aspirar a vir a ser um ponto obrigatório de destino, e de estadia mais ou menos prolongada, de todas as pessoas que percorrem o orbe à procura de tranquilidade, emoções ou deleites espirituais.

Por isso, a primeira coisa a fazer, será terminar com o tristíssimo e vilipendioso espectáculo da mendicidade pelas portas e locais de visitação.

A nossa terra pode ufanar-se de ter sido uma daquelas em que o assunto está praticamente resolvido. Tem sido admirada e aplaudida pelo seu bem orientado esforço nesse sentido. Loulé está de parabéns, por esse motivo. Não só no campo da mendicidade Loulé tem motivo de justa admiração dos povos de outras localidades. As suas Batalhas de Flores são já famosas no país e no estrangeiro e razão de incentivo para outras terras.

Temos, bons louletanos, motivos de inteira satisfação. Prossigamos no caminho em boa hora encetado, que os louros nos virão por manifestação espontânea da justiça e da consideração que merecermos.

Ainda há lacunas a preencher e defeitos a corrigir, no caso da assistência à mendicidade. Há valiosos que são incapazes de ajudar o seu semelhante com um modesto óbolo dado sem que a mão esquerda o saiba, mas sentem um prazer inaudito em vexar o mesmo seu semelhante e dar-lhe publicamente à porta ou em

Se vier a Loulé

PASSAR O CARNAVAL

assistirá a uma magnífica e alegre festa de graça, beleza e colorido e poderá ser contemplado com os valiosos brindes a que uma simples entrada no recinto lhe poderá proporcionar.

Exposição e concurso de aves

canoras e ornamentais

Durante os 3 dias de Carnaval estará patente ao público, no salão do Cine Teatro Louletano uma exposição de aves canoras e ornamentais, em número bastante elevado graças à gentileza de vários possuidores destas curiosas aves.

Será, pois, mais um número de atracção do nosso Carnaval.

Trespassa-se

CASA DE MANUEL FAZ-TUDO — Por motivo de retirada, trespassa-se o estabelecimento de pastelaria e confeitaria, situado na Praça da República, muito afreguesado e bem situado. Ensina-se o método de fabrico de sorvetes e vende-se toda a aparelhagem correspondente. Tratar com o próprio.

qualquer outro lugar, a excessiva, astronómica e vultosa quantia de 20 centavos, para remediar as suas faltas. Temos a certeza de que uma hora de vergonha há-de chegar a esses vaidosos e tolos, e que a Obra, em feliz momento começada, de assistência modesta, recatada e digna, aos pobres necessitados da nossa terra, seguirá sempre a melhor, e os poderes públicos não de certamente inquirir dos louletanos e das pessoas bem formadas aqui residentes, como foi possível fazer o milagre?

Foi simples. Bastou pedir às pessoas caridosas desta terra, e são muitíssimas, que centralizassem as suas esmolas e deixassem de as dar às portas das suas residências em tristíssimo espectáculo público. E as pessoas magnânimas, altruístas e bem formadas da nossa vila, acorreram pressurosas ao apelo feito. O resultado está patente. Bem hajam.

A Direcção

Aniversário de «A VOZ»

Festejou no passado dia 29 de Janeiro o seu 32.º aniversário o nosso colega de Lisboa «A Voz», que o grande jornalista, mestre de jornalistas, que é Pedro Correia Marques, dirige com o elevado critério de discípulo do Cons. Fernando de Sousa.

A «A Voz» e ao seu ilustre director, bem como a todos quantos nela colaboram, dirigimos sinceras saudações e formulamos votos por longa vida como órgão informativo e formativo da vida nacional.

Organização «Cavol»

Consta-nos que no Posto da Polícia de Segurança Pública de Loulé, têm sido apresentadas várias queixas de pessoas que se consideram lesadas por aquela organização de vendas a prestação, que já foi dissolvida mas terá de prestar contas às autoridades pelo não cumprimento das suas obrigações.

VESTIDOS para MENINAS



VEJA O SORTIDO DA

CASA BAMBI

Praça da República, 94 LOULÉ

Não é exagero afirmar que o

Carnaval de Loulé

é um espectáculo

ÚNICO

em PORTUGAL

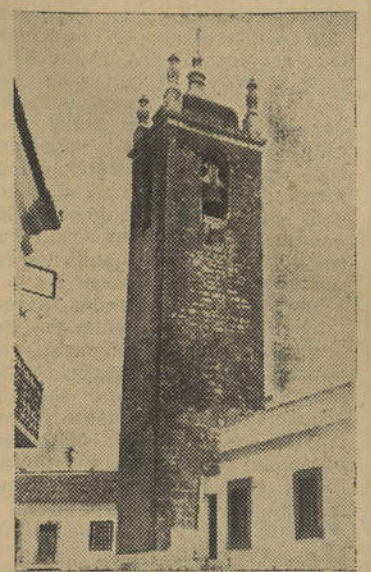
Pela graciosidade dos seus carros alegóricos,

Pela alegria comunicativa que a todos contagia,

Pelo sorriso das belidades algarvias que o animam.

Apontamentos históricos

A Matriz de Loulé



É costume atribuir-se aos árabes a fundação dos monumentos mais antigos da nossa provincia. Por isso também acerca da origem da Igreja Matriz de Loulé correm as mesmas opiniões.

Ora esta opinião que carece de todo o fundamento, quer se considere o ponto de vista histórico, quer o arquitectónico.

Analise a parte histórica: Existe no Arquivo Distrital de Braga, Gaveta 1.ª das Igrejas, N.º 200, um documento muito elucidativo sobre este assunto, que foi publicado pelo sr. Dr. António Feio no «Correio do Sul» de Faro, em Novembro de 1951, onde se lê que o Arcebispo de Braga, D. João Viegas, como Metropolitano em todo o território conquistado, encarregou os frades dominicanos Fr. Paio e Fr. Pedro, de construírem a Igreja Matriz de Faro (S. Maria) e outras igrejas do Algarve.

Este documento tem a data de 20 de Março de 1251.

Daquele se conclue que a Igreja da Sé de Faro e muitas outras igrejas do Algarve foram construídas no século XIII por ordem do Arcebispo de Braga, metropolitano do Algarve até 1268, em que o Monarca Português nomeou Bispo para Silves.

Dentre as igrejas mandadas construir nessa época, porque não seria também a Matriz de Loulé? Tudo nos leva a crer que sim.

Um outro documento que nos pode levar à mesma conclusão é o foral dado por D. Afonso III a Loulé em Agosto de 1266, onde entre outras coisas diz: «Igualmente reservo para mim e todos os meus sucessores... todo o direito do padroado das Igrejas construídas e a construir em Loulé e seu termo».

Portanto nesse ano de 1266 já havia igrejas construídas em

Carnaval de Loulé

O AGENTE OFICIAL DA PHILIPS EM LOULÉ

Oferece valiosos brindes e proporciona a aquisição de numerosos artigos do seu comércio, em condições verdadeiramente excepcionais, a muitas centenas de pessoas que entrem no recinto da BATALHA DE FLORES

Um cenário deslumbrante, De amendoieiras em flor, A nossa festa garante O alívio a muita dor.

E assim, com graça e leveza, Fazemos do Carnaval Um espectáculo de beleza Em prol de um Hospital.

Loulé e por exclusão não existia mais alguma senão a Matriz, pois não há notícia de outra mais antiga no concelho e a que existem são-lhes posteriores. Só a igreja da Graça seria contemporânea.

Outra referência que vem no dito foral nos faz pensar que o Arcebispo de Braga teve alguma interferência na construção desta Igreja, pois lê-se que igualmente reservo para mim... a botica que possuía o Deão de Braga...

Se o Arcebispo de Braga não tivesse interferência alguma nesta vila ou na construção desta Igreja Matriz, não haveria razão para o Deão de Braga possuir bens na vila de Loulé.

Em 4 de Dezembro de 1298 esta igreja e todas as do concelho de Loulé passaram para a Ordem de Santiago por escambo feito por D. Dinis com o Mestre da Ordem de Santiago, D. João Ortez.

Daquele se conclue que esta Igreja já existia no século XIII, provavelmente mandada construir

(Continuação na 2.ª página)

Enriqueça

a sua biblioteca, mandando encadernar os livros que a compõem.

Para encadernações simples e de luxo, prefira a

Gráfica Louletana

Telefone n.º 216

VENDE-SE

UM ARMAZÉM, com chave na mão, na Rua Miguel Bombarda, e UM PRÉDIO na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Emília Campina Leal — Avenida Costa Mealha

LOULÉ

SALIR

Devido à grande dificuldade que temos em efectuar cobranças ao domicílio nesta vasta freguesia, pedimos encarecidamente a todos os nossos estimados assinantes a residentes o especial favor de providenciarem, tão depressa quanto lhes seja possível, a liquidação dos seus recibos ou directamente na nossa redacção ou ao agente da «A voz de Loulé» em Salir sr. Manuel António de Sousa.

Contamos com a boa vontade de todos os nossos dedicados assinantes de Salir.

Cobrança de assinaturas

Prevenimos os nossos estimados assinantes de que estão a pagamento os recibos das assinaturas referentes ao ano em curso.

Devido aos elevados encargos dos serviços de cobrança, agravados ainda mais com a recente divisão de Lisboa em 6 zonas postais, ficamos muito gratos aos nossos estimados assinantes quequeiram ter a gentileza de nos remeter as importâncias das suas assinaturas.

Aos que já o fizeram, confessamos-nos muito reconhecidos pela prontidão com que efectuaram a liquidação dos seus recibos.

«A Chama Sagrada»

Em sessão realizada no Grupo «Amigos de Olivença» no dia 29 de Janeiro, o distinto jornalista Félix Correia proferiu uma palavra subordinada ao tema: «A Chama Sagrada» evocando figuras de militares ilustres que empunharam o facho que continua a sua marcha, em mãos firmes, nesta estafeta da História, para uma justa solução do caso de Olivença.

O orador acentuou ainda como deviam ser fixados os limites de fronteira para restituir Olivença à Mãe-Pátria.

Carimbos?

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana. Perfeição, Economia, longa duração.